

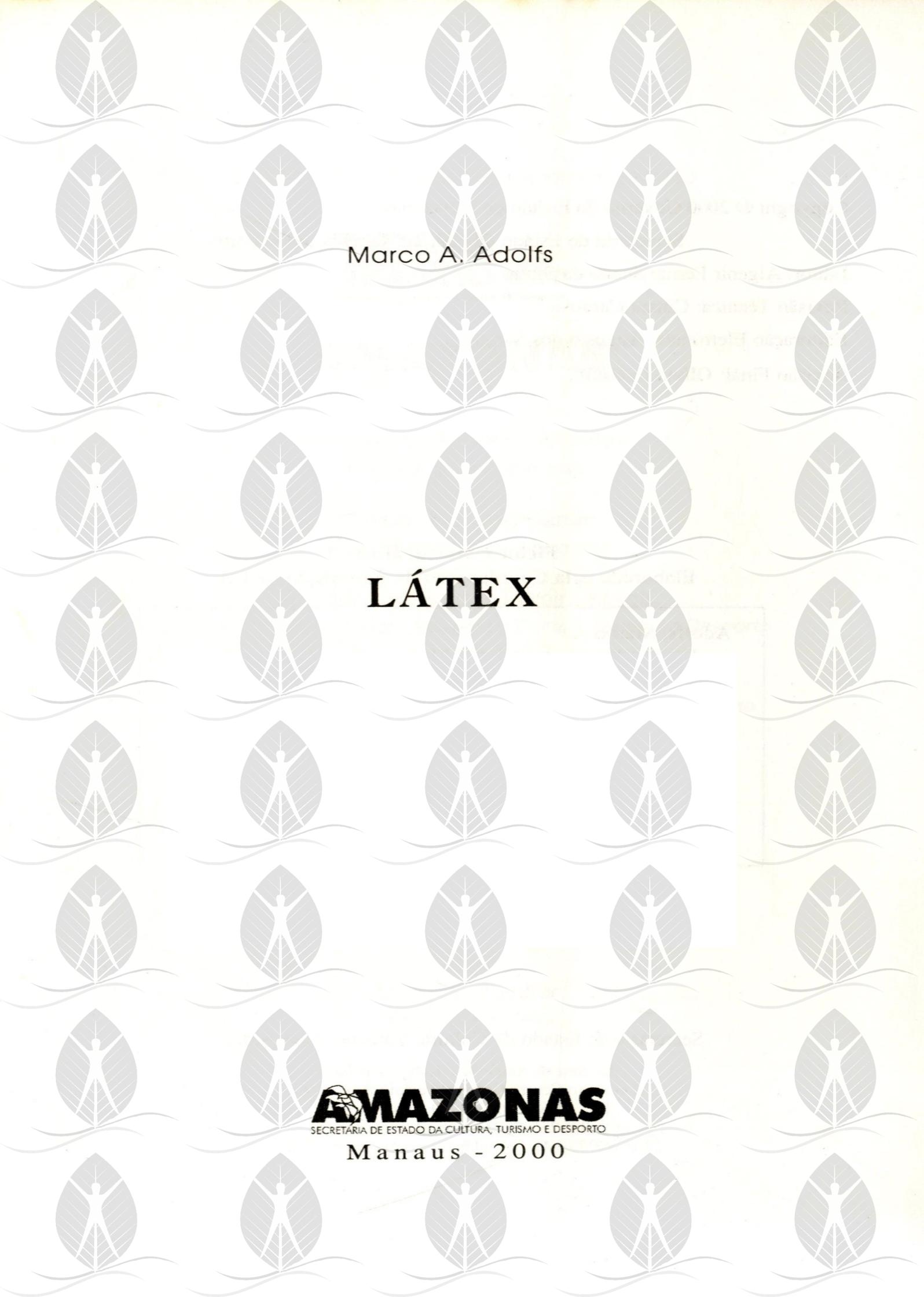


# *Látex*

*Marco A. Adolfs*



Edições Governo do Amazonas



Marco A. Adolfs

# LÁTEX

**AMAZONAS**  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E ESPORTE

Manaus - 2000

Copyright © 2000 Governo do Estado do Amazonas

Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

Editor: Algenir Ferraz Suano da Silva.

Revisão Técnica: Cinara Cardoso.

Editoração Eletrônica: Augusto dos Santos.

Revisão Final: Olívia Carneiro.

### Ficha Catalográfica

Elaborada pela Coordenação de Editoração da UA

Adolfs, Marco A.

Látex / Marco A. Adolfs. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2000.

260 p.: 21 cm.

1. Romance Histórico - Brasil I. Título

CDD 869.3081

CDU 869.0(81)

Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

Av. Sete de Setembro, 1546 - Vila Ninita

Anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro

Tel.: (0xx92) 633-2850 / 3041 / 1357

Fax: (0xx92) 233-9973 - E-mail: sec@argo.com.br

CEP 69005-141 - Manaus - Amazonas - Brasil



*Vila da Barra*

1840

**E**ra o dia 13 de junho do ano de 1840 quando finalmente cheguei àquela cidadezinha localizada nos confins do mundo civilizado. A manhã mostrava um radiante sol abrasador com um céu azul quase sem nuvens. Quando a embarcação aportou na pequena ribanceira em frente do lugarejo, um certo alívio me inundou o coração. Afinal eu havia enfrentado quase dois meses de navegação exaustiva até aquele lugar. A cidadezinha era conhecida como Vila da Barra do Rio Negro, ou lugar da Barra. Do ponto de vista geográfico ela estava situada na margem oriental daquele extenso rio de nome Negro, a doze ou treze milhas de sua confluência com o Amazonas. Localizada em um terreno de uma altitude média de uns quarenta pés acima do nível das águas, o lugarejo estava entranhado no meio de dois braços de rios que mais pareciam duas enseadas. Logo que deixei a barca e coloquei os pés naquela terra, fiquei sabendo que aquele atracadouro central, atulhado de pequenas embarcações, tinha o nome de Ribeira das Naus e respondia por ser o porto principal daquele vilarejo. O local exalava um estranho odor que mais parecia uma mistura de cheiro de fezes com carnes apodrecidas.

Durante a longa viagem eu havia travado amizade com um dos viajantes. Se chamava Salgado e trabalhava na venda de tecidos por toda aquela região. Parecia conhecer tudo e todos e, sempre que podia,

me esclarecia sobre aspectos pitorescos das localidades por onde passávamos. Ao notar o meu aspecto nauseabundo, esse senhor começou a me explicar que aquele odor forte era proveniente da venda de comestíveis por parte de um mercado coberto que ficava localizado na rua da Matança, perto da praça. “Um local que também servia de abate de gado e exposição de peixes e tartarugas, algumas mortas e com as suas vísceras expostas e apodrecendo ao sol”, ressaltou. Disse ainda ser parte daquele odor, “proveniente da banha e dos ovos de tartaruga colocados à venda em enormes tachos feitos de barro”. Quando cortamos por uma pequena travessa, centenas de gaivotas passaram rentes às nossas cabeças. Não foi sem propósito, depois fiquei sabendo, que denominavam aquele trecho de Travessa das Gaivotas.

Ao passarmos a travessa, subimos por uma providencial escada tosca e atingimos um pequeno caminho que levava à parte habitada da cidade. Notei, então, à minha esquerda, uma construção estranha, uma espécie de cercado com um palco central e nas laterais dois pequenos pedaços de pau segurando uma espécie de dizer onde se podia ler em letras enormes, pintadas de preto, o seguinte: “Teatro”. Salgado, percebendo a minha curiosidade natural de recém-chegado àquela localidade, começou a me situar. “Este palco armado serve para a apresentação de pequenos autos escritos pelos religiosos que aqui vivem e educam as crianças do lugar”, explicou. Depois, mostrou-me o Seminário e à minha esquerda, um pouco para dentro de um espesso matagal ribeirinho, no chamado largo da trincheira, em direção de uma tal ilha de São Vicente, o antigo local do cemitério indígena com uma ermida em madeira, coberta de palha e dedicada a Nossa Senhora da

Conceição. Um pouco mais a oeste — disse o homem — estava a construção quadrangular do antigo Forte de São José da Barra do Rio Negro. Num promontório divisei duas construções que se destacaram pela própria localização e perguntei-lhe o que eram e ele me disse se tratar do Palácio dos Governadores e da Provedoria de armas e munições. “Mas o Palácio é muito feio”, observou, enquanto eu me esforçava para subir um trecho íngreme do barranco.

Atingindo uma rua acima do porto, verifiquei que naquela parte da cidade quase não havia habitações. A vegetação tomava conta de cada palmo de terra. Algumas casas de palha e umas poucas construções, de um ou dois pavimentos, feitos em madeira, apareciam aqui e ali. Observei também que as poucas casas de madeira estavam cobertas com telhas e que suas paredes eram pintadas de amarelo ou branco, com as aduelas das portas e janelas, ostentando a cor verde. Notei também que naquelas imediações da vila, por onde quer que se caminhasse, sempre havia muitas árvores com grandes folhas em palmas a obstruir parte de nosso caminho. Embora perdidos num emaranhado dessas árvores e de outras plantas, de vez em quando o meu cicerone retomava a sua indicação dos locais dizendo que estávamos entrando no bairro de São Vicente de Fora e que a rua por onde começávamos a caminhar se chamava rua Liberal. Disse-lhe então que o meu destino seria a casa de um comerciante português de nome Antônio Lourenço e que morava no início da rua do Imperador, no bairro da Imperatriz. Ele então me afirmou conhecê-lo e que não seria nenhum incômodo levar-me até onde morava esse senhor. De pois, mais uma vez me chamou a atenção para um local, no cimo de uma colina, onde um

imenso barracão se projetava todo reluzente, falando que ali existira a Olaria Imperial, “hoje com os fornos apagados”, completou. Em seguida me esclareceu ainda mais, dizendo que “durante muitos anos ela produziu todos os potes que serviam para acondicionar as banhas de tartarugas e que agora vinham do Grão-Pára”. Ao contornarmos um matagal ele me apontou a Câmara Municipal — “um local de intrigas e mal-entendidos” — fez questão de observar. E continuou me situando o lugar, dizendo que naquelas imediações também se localizavam o pelourinho e a cadeia.

Comecei a sentir enormes dificuldades em caminhar, devido às subidas e descidas pronunciadas daquelas ruas e a falta total de calçamento delas. Havia também uma série de buracos repletos de lama ao longo dessas ditas ruas. Mas o que mais me impressionou nas cercanias daquela cidadela obscura foi a quantidade significativa de umas aves negras a circularem pelos ares ou mesmos rentes a nossos pés. O meu companheiro me fez atentar para o nome daquelas aves negras e repelentes dizendo que eram conhecidas pelo nome de urubu.

Uma ave de rapina da região.

Após muito subir e descer por aquela rua, suando às bicas sob um sol inclemente, finalmente atingimos uma parte da cidade com o ambiente mais ameno. Atravessávamos por uma ponte de madeira caindo aos pedaços por baixo da qual um braço de um rio escuro deslizava placidamente saindo do interior da selva misteriosa que circundava a cidade. Não pensei duas vezes e, ao chegar no outro lado da ponte, convidei o meu acompanhante para refrescarmos nossas cabeças e pés aquecidos, naquele riacho maravilhoso. Depois de

refrescarmo-nos deliciosamente, retomamos a nossa caminhada em direção ao meu destino, e que, segundo o senhor Salgado, ficava a uns cinquenta metros em linha reta de onde nós estávamos. “Passando a próxima ladeira”, disse, rindo.

Enquanto caminhava, meus pensamentos revolviam-se em minha cabeça, misturados que estavam com a dúvida e, porque não dizer, a ousadia, de meus reais propósitos naquela localidade. Eu estava munido de uma carta de apresentação dos donos de uma fábrica de cerâmicas portuguesas — a Companhia Nacional de Cerâmica Lisboaeta —, interessados que estavam em investir, segundo eles, “em um novo e impressionante negócio que iria mudar o mundo”. Eles já haviam estado nesta vila e entrado em contato com esse tal português e que seria o homem pago para hospedar-me e ajudar-me no que fosse possível. Embora esse homem não soubesse de maiores detalhes sobre o negócio que havia por trás da minha ida até aquele lugar. Por isso, quando finalmente cheguei à casa desse homem — incumbido que estava de uma missão espinhosa e delicada —, minha cabeça carregava uma série de dúvidas e desconfianças sobre o que poderia acontecer de imediato no momento em que ele soubesse o que teríamos que fazer.

Depois que o senhor Salgado nos fez as prévias apresentações informais e se despediu, eu pude então me identificar melhor, como sendo “o doutor Eurico Pompéia...o senhor a ser esperado naquela casa, trazendo uma carta de apresentação dos donos da Compan...”. Mal pude terminar a apresentação, e o senhor Lourenço, um homem baixinho, barrigudo e de aspecto simpático e bonachão, externou tanta alegria por minha chegada, “já esperada para qualquer momento”, que



## AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**